



## migrações inter-regionais e estratégia doméstica\*

R. Parry Scott\*\*

A abordagem deste estudo privilegia dois elementos na compreensão das migrações entre o Nordeste e as outras regiões do Brasil: 1) a divisão inter-regional do uso e da reprodução da força de trabalho; 2) a articulação de estratégias de sobrevivência ao nível da unidade doméstica. Algumas indagações específicas nortearam o estudo: Qual é a relação entre a unidade doméstica, política e economia no lugar de origem (Nordeste) e a utilização da força de trabalho nas regiões de destino (Centro-Sul/Fronteira)? O que isso implica para a relação entre migrante individual e a sua unidade doméstica de origem? Como reprodutora de força de trabalho para uso próprio e uso alheio, a unidade doméstica sofre das pressões que relegam as regiões de emigração à condição de "celeiros" de mão-de-obra, e acaba assumindo diretamente uma grande parte dos seus próprios custos de reprodução com recursos não provenientes da esfera de salários pagos pelos que utilizam o seu trabalho intensivamente na região de destino.

O Censo de 1980 confirmou a intensificação na última década da emigração nordestina e, ao contrário das expectativas criadas pelos programas de desenvolvimento e colonização da fronteira na Amazônia e no Centro-Oeste, concentrou-se ainda mais no Sudeste. No Nordeste, a expulsão do campo foi acompanhada por uma urbanização incapaz de absorver toda essa população. Dentro da região, os migrantes deslocaram-se para a Bahia e sobretudo para o Maranhão. Mesmo assim, de 1970 a 1980, este último Estado teve um saldo migratório total negativo, agregando-se, pela primeira vez, aos outros Estados nordestinos expulsores de população. De outro lado, constatou-se o incremento de naturais de outras regiões residindo no Nordeste, o que corresponde, principalmente, ao influxo de migrantes de retorno com seus dependentes nascidos fora.

Sem dúvida, a fonte de dados mais importante foi a pesquisa direta, com questionários (200 por localidade), entrevistas (aproximadamente 20 por localidade) e observação em quatro áreas que se caracterizam por inserções diferentes no processo de migração inter-regional. Em Pernambuco, pesquisamos em Prazeres, uma área da região metropolitana recifense diversificada e de rápido crescimento demográfico; e Garanhuns, uma área em que, nas últimas

---

\* O estudo objeto deste resumo foi elaborado com o apoio financeiro do Programa de Bolsas de Pesquisa sobre Assuntos Populacionais da ABEP

\*\* Universidade Federal de Pernambuco

quatro décadas, a pecuarização contribuiu para uma acentuada expulsão de camponeses da terra. No Maranhão a pesquisa desenvolveu-se em São Luiz, onde havia um fluxo muito grande de pessoas expulsas do campo e uma luta por moradia e trabalho, numa área supervalorizada por causa dos projetos governamentais que definem o local como entreposto para exportações internacionais; e em Santa Inês, na Pré-Amazônia Maranhense, destino de migrantes do semi-árido nordestino e área de espaços devolutos onde os migrantes estabeleciam as suas lavouras e que agora estão sendo fechados à força, por fazendeiros e grileiros de forma mais acentuada, através de estratégias cartoriais.

Nas áreas pesquisadas, Santa Inês tem a maior proporção de unidades apresentando algum membro com experiência migratória inter-regional (33%), seguida por São Luiz (25%), Garanhuns (20 a 25%) e, finalmente, Prazeres (18%). Constatamos que, das 800 unidades com migrantes inter-regionais, 55,1% têm emigrantes, 15,5% migrantes circulares e 42,0% migrantes de retorno. Em Recife e em Garanhuns, o destino que predomina é São Paulo, enquanto em São Luiz é o Rio de Janeiro e em Santa Inês é a fronteira amazonense, sobretudo Pará. Nas cidades há mais migrantes de retorno e no campo, especialmente em Santa Inês, mais migrantes circulares. Os fluxos emigratórios do campo são predominantemente masculinos (60,5% em Garanhuns e 73,3% em Santa Inês) e os da cidade mais equilibrados, com uma ligeira predominância feminina (50,5% em Prazeres e 56,7% em São Luiz). Nestes fluxos, São Luiz destaca-se pela grande participação de solteiros (84,2% numa média geral de 73,0%) e Garanhuns pelo número de unidades com mais de um emigrante (43,0% numa média geral de 38,7%). Os fluxos circulares são masculinos (93,6%) e de casados (73,4%), com cada migrante tendo feito em média, mais de quatro viagens de ida e volta. As migrações de retorno são predominantemente masculinas e, principalmente, de pessoas que passaram menos de três anos fora.

A primeira hipótese investigada foi que o fato inicial de emigrar faz parte de uma estratégia da unidade doméstica no sentido de sua manutenção no local, especialmente quando a mesma tem acesso aos meios de produção doméstica. O fato de que as migrações circulares e as migrações de retorno juntas são quantitativamente tão expressivas quanto as migrações demonstra a força da unidade de origem na determinação do tipo de migração.

Rejeitado pelo migrante, o local de origem é classificado como “fraco”, “improdutivo”, sem meios de plantar, financiar ou trabalhar a terra ou levantar um “negócio”. Mas mesmo assim, percebe-se que esta “rejeição”, ao invés de ser uma “renúncia”, é uma confissão das deficiências que se alia a uma vontade do migrante de contribuir para a manutenção e melhora da família local.

Os migrantes, e especialmente os emigrantes, se integram a contextos domésticos de parentes e amigos, sem quebrar os laços com a sua casa de origem. São sobretudo filhos que saem de casa. Os pais reconhecem o seu direito à independência. Este reconhecimento evita conflitos e acusações sobre o “impedimento de melhoras” que ocorreria caso os pais não aceitassem a “liberdade” e “maioridade” dos filhos, e como consequência, permite maior interação entre migrantes e a unidade de origem. Quando o emigrante é um filho casado, não se espera uma ajuda tão efetiva à casa dos pais, já que tem a responsabilidade da sua própria unidade. Quando o emigrante é o marido recém-casado ou o noivo, a migração freqüentemente repre-



senta uma tentativa de consolidar a união, formando um patrimônio para o grupo doméstico. Mas quando a ajuda se torna esporádica, a ausência do marido é uma ameaça maior à união do casal.

A comparação de migrações da cidade e do campo e entre as famílias de assalariados e as que dependem de produção doméstica demonstra que a estratégia de migrar para ficar é mais acentuada entre famílias camponesas.

Na cidade, um pouco mais freqüentemente que no campo, a migração vincula-se à desarticulação do grupo. No campo estabelecem-se migrações circulares que afirmam o local de origem como "beneficiário" potencial das migrações. Em geral, pode-se afirmar que a saída de emigrantes individuais se integra a estratégias montadas pelas famílias nordestinas para ficar no Nordeste, e que a "migração para ficar" é mais acentuada no campo, justamente onde as pressões expulsoras são mais atuantes.

A segunda hipótese investigada declara que quanto maior o acesso aos meios de produção doméstica da unidade de origem, mais estreitos serão os laços entre os migrantes e esta. Os laços fundamentais estudados incluem cartas, dinheiro remetido, visitas, familiares buscados pelos migrantes e ajuda recebida de casa. Enquanto homens e mulheres solteiros mandam cartas e dinheiro para casa com quase a mesma freqüência, são os homens casados quem mandam mais dinheiro e as mulheres casadas quem mandam menos. Em compensação, enquanto os solteiros mandam buscar irmãos e outros colaterais, os homens casados, quase exclusivamente, mandam buscar membros da sua própria família de procriação, enquanto as mulheres casadas mandam buscar irmãs e outros colaterais de sua família.

A alta incidência de migrações circulares nos lugares onde predomina a produção doméstica apóia a segunda hipótese. No entanto, a maior incidência de retorno nas cidades onde predomina trabalho assalariado é contrário à hipótese. Isto decorre de pelo menos dois fatores: 1º) a força das pressões expulsoras no campo nordestino fecham a opção de voltar para o campo para muitos migrantes; 2º) a experiência fora do Nordeste pode ser melhor aproveitada em áreas urbanas nordestinas onde o mercado de trabalho é semelhante ao que encontram fora.

A análise dos contatos de emigrantes de unidades que dependem de produção doméstica e de salários demonstram uma tendência exatamente contrária à hipótese, pois, enquanto os migrantes do primeiro caso só conseguem remeter uma ajuda muito irregular às suas casas de origem, os do segundo remetem mais regularmente. Isto deve ser um reflexo do maior preparo do migrante de áreas urbanas para competir no mercado de trabalho fora da região. Implica no fracasso estrutural das tentativas de famílias que dependem de produção doméstica em conseguir efetivar as suas estratégias de "migrar para ficar", e a sua manutenção como, fundamentalmente, unidade reprodutora de mão-de-obra barata para uso em outras regiões, às custas da própria unidade.

Na terceira hipótese, a maioria dos migrantes de retorno foi excluída da força do trabalho ocupada durante a sua estada fora e a volta vincula-se tanto a transferência do custo do sustento de trabalhadores inativos quanto à manutenção de controle sobre os meios de produção doméstica. A própria condição da maioria dos migrantes como integrantes do exército in-

dustrial de reserva, estruturalmente, implica na sua rotatividade no trabalho. Assim, exclusão periódica torna-se a regra e não a exceção. Como uma pessoa com expectativa de maiores ganhos do que na sua terra de origem, o migrante é mais vulnerável à exploração de curto prazo, inclusive contribuindo para a desunião da classe trabalhadora no lugar de destino.

Para este estudo, definimos o migrante de retorno inter-regional como qualquer pessoa que tenha nascido ou residido no Nordeste, passado algum tempo morando fora da região e que atualmente resida em algum lugar no Nordeste. Ao refletir sobre as dificuldades encontradas quando estavam fora, estes migrantes reconhecem que não é fácil segurar empregos com ganhos certos, porém não costumam incluir problemas de emprego e ganho entre as razões mais importantes para voltar. Da sua experiência anterior, eles têm uma consciência das limitações maiores existentes na economia do próprio local para onde estão voltando. Eles se desiludem com as condições de trabalho e moradia, com irregularidades e inadequações no pagamento e especialmente com a falta de correspondência quanto às expectativas de melhora de vida que tinham na hora de emigrar. Na sua estada fora, a combinação de trabalho árduo e clima insalubre e "agitado" conduz muitos migrantes a voltar para o amparo das suas unidades domésticas de origem.

Constatamos que a expulsão da força de trabalho ocupada fora do Nordeste e a transferência dos custos para o sustento dos desocupados não implica necessariamente numa sobrecarga da unidade doméstica nordestina, pois, frequentemente, mesmo às custas do valor do ganho individual, esse migrante de retorno integra-se no mercado nordestino e torna-se um contribuinte importante no sustento do grupo. O migrante de retorno experimenta a reintegração familiar e faz uma tentativa de construir com exíguo capital uma vida que ele vê como mais autônoma e mais liberta, apesar das dificuldades econômicas no Nordeste. Se ele opta por trabalho assalariado, enfrenta localmente as manobras de empregadores nordestinos que querem "rebaixar" o salário na sua carteira, não pagando pela sua capacitação adquirida fora. Se a capacitação e capitalização têm os seus limites inerentes para os migrantes nordestinos de retorno, a obtenção de uma consciência das reais limitações das opções nas "terras prometidas" contribui potencialmente para a adoção de estratégias mais enérgicas de defesa de direitos na terra de origem. Comparado com os migrantes da cidade, os que saíram do interior, de sítios camponeses, encontravam maiores dificuldades com a sua estada fora e voltaram sem maiores estudos, com mais problemas de saúde e insatisfeitos com o trabalho e ganho. Novamente, como aconteceu com os migrantes, a tendência nas migrações de retorno é de reafirmar o papel de unidades interioranas como reprodutoras de força de trabalho para o uso alheio.

A quarta hipótese foi que as migrações inter-regionais diminuem o potencial e a probabilidade de confrontações nas estruturas de poder locais. As confrontações a que nos referimos são manifestações locais de luta mais ampla entre trabalhadores e capitalistas. Elas giram em torno da questão da repressão e exploração da classe trabalhadora e da união interna das classes, e constroem-se localmente com a competição para recursos de terra, capital e trabalho com usos divergentes para as unidades domésticas (sobrevivência) e para firmas (lucro). Tanto em Garanhuns quanto em Santa Inês, os camponeses, maiores contribuintes dos fluxos migratórios, perdem cada vez mais o acesso à terra. As emigrações e migrações circulares contribuem às lutas locais para este acesso encaixando-se no processo de apropriação dos meios de produção por fazendeiros e grileiros, e no processo de procura de meios de sobrevivência para



um setor de classe trabalhadora que não tem mais nenhuma base relativamente autônoma para se sustentar.

Nas cidades de Prazeres e São Luiz, a luta pelo solo urbano encerra a estratégia de invasões repetidas e estabelecimento de direitos de usufruto para diminuir as despesas com a moradia. Nesta luta pela terra urbana, as migrações rurais-urbanas, especialmente em São Luiz, onde a expulsão do campo tem se acentuado nas últimas décadas, desempenham um importante papel reforçador das invasões. Para muitas unidades, as migrações inter-regionais contribuem para a realização da construção e reforma da casa, garantindo o valor do espaço urbano ocupado e diminuindo o custo da reprodução do trabalhador no setor da habitação. O pequeno capital trazido pelo migrante pode contribuir para o estabelecimento ou manutenção de um "negócio" familiar, porém há uma tendência dos valores adquiridos serem tão baixos que não conseguem tirar a unidade doméstica trabalhadora do processo generalizado de homogeneização da classe em torno de níveis ínfimos de renda e de instabilidade estrutural no emprego. A unidade doméstica encontra-se sempre na necessidade de remanejar a sua própria força de trabalho para explorar as fontes de renda locais de uma forma mais eficiente, permitindo a continuidade da existência de uma força de trabalho extremamente móvel, empobrecida e utilizável por empregadores em locais diferentes, onde se possa ganhar mais.

Documentamos, neste estudo, alguns dos meios pelos quais as unidades domésticas de uma região de emigração brasileira articulam-se com a economia nacional dominante, mediados por contextos locais distintos. Sempre sensíveis às pressões provenientes das estratégias predominantes do uso da força de trabalho, as unidades domésticas constroem estratégias específicas absolutamente imprescindíveis para a sobrevivência e reprodução do grupo. No caso do Nordeste, a evidência apoia o argumento de que a coexistência do modo de produção doméstica com outros modos de produção invariavelmente resulta na sua subjugação, e que esta subjugação implica em custos maiores para as unidades domésticas em regiões de emigração.